



Veículo: O Liberal		
Data: 13/10/2016	Caderno: Poder	Página: 08
Assunto: Órgãos		
Tipo: Notícia	Ação: Espontânea	Classificação: Positiva

Campanha incentiva a doação de órgãos

SOLIDARIEDADE Recusa das famílias que sofreram perdas ainda é grande em todo o Estado

BRENDA PANTOJA
Da Redação

Atendente Lidiane Freitas, 28, agora vai celebrar a vida da filha Luane, de 13 anos, duas vezes por ano. Além da data de nascimento, a família fará questão de lembrar o dia em que a garota recebeu um transplante de rim. A operação foi feita há pouco mais de um mês e elas estão muito felizes pela perspectiva de uma rotina com mais qualidade de vida para Luane. Em todo o Pará, existem outras 468 pessoas aguardando um rim, de acordo com a Secretaria de Estado de Saúde Pública (Sespa). Durante o mês passado, a campanha "Setembro Verde" chamou a atenção da sociedade para o tema e Lidiane diz que nunca perde a oportunidade de conscientizar as pessoas sobre a importância de se tornar um doador de órgãos. "Basta conversar sobre o assunto com a família e comunicar esse desejo", reforça.

Os transplantes de rim e córnea são os únicos realizados no Estado e a lista de espera para receber uma córnea é ainda maior, incluindo atualmente 1.114 pacientes.

No ano passado, foram realizados 30 transplantes de rins e 98 de córneas. Os dados são da Coordenação Estadual de Notificação, Captação e Distribuição de Órgãos (CNCDO), da Sespa, que divulgou que no primeiro semestre deste ano o Pará alcançou a marca de 4,2 doadores de múltiplos órgãos por milhão de habitantes. A meta é chegar a 5, mas o índice avançou bastante em relação a 2015, quando eram 2,8 por milhão.

A recusa das famílias ainda é um grande problema na captação. Ultimamente, no Estado, a negativa é registrada em cerca de 40% dos casos notificados de morte cerebral, quando é possível a retirada de órgãos e tecidos. O rim que a Luane recebeu veio de Sergipe e se a decisão da família do paciente falecido tivesse sido diferente, talvez a adolescente ainda estivesse fazendo hemodiálise.

"Há dois anos descobrimos que ela estava com um rim atrofiado e o outro prestes a perder as funções. A partir daí, começou a fazer hemodiálise três vezes por semana. Nesse período, por cinco vezes surgiu a chance de receber um rim, mas os exames demoravam muito para ficar pronto e ela perdia a oportunidade", relata a mãe.

A dificuldade para realizar os exames é outro problema enfrentado por quem tenta o transplante pelo Sistema Único de Saúde (SUS). A diretora da Associação de Renais

Crônicos e Transplantados do Pará (ARCT-PA), Belina Soares, explica que os exames desses pacientes precisam estar sempre atualizados para que sejam considerados ativos e aptos a receber o órgão quando surgir a chance. "Mas não é assim tão fácil. Temos muitas máquinas paradas nos hospitais públicos, exames que são remarcados ou precisam ser repetidos e isso atrapalha bastante", afirma.

Lidiane passou por essa situação mais de uma vez e optou por pagar um plano de saúde para a filha, mantendo os exames sempre em dia, o que garantiu a rapidez do processo. "A espera por um rim é complicada por causa do fator compatibilidade. Na nossa família mesmo nós quisemos doar um rim para a Luane, mas não éramos compatíveis. Esse que ela recebeu era de uma criança da mesma idade, mesmo peso. Parece que foi moldado para ela! Jamais vamos esquecer o momento em que recebemos a confirmação. Gostaria muito de ter a chance, um dia, de agradecer a essa família do fundo do coração por eles terem tirado a minha filha daquela máquina", declara.

Luane está em casa, na fase de resguardo, que dura três meses e requer isolamento para evitar infecções. Ela faz exames semanalmente para avaliar como o organismo está se adaptando ao novo rim e os resultados tem sido muito bons. Antes, as sessões de he-



modiálise a deixavam fraca e prejudicavam a frequência da menina na escola e sua vida social. “Ela está animada para essa nova fase, pensando na volta para a escola, quer fazer natação... Vai ser uma nova vida e ela tem uma nova data de nascimento. O aniversário no dia 31 de dezembro e o dia do transplante, em 31 de agosto”, completa.

Ela faz postagens em redes sociais e conversa sempre que pode sobre doação de órgãos, orientando os amigos e conhecidos a deixar claro para os familiares a vontade de ser doador. “Antes de passar por tudo isso, eu nem imaginava que a realidade era essa. Ajudar a esclarecer uma pessoa pode salvar outras vidas”, conclui.

A técnica de enfermagem Clelma Maia Gomes, 32, perdeu o irmão em um acidente há pouco tempo e a família optou pela doação dos órgãos. “Por ser da área da saúde, sei da importância e me coloco no lugar das pessoas que seriam beneficiadas com esse ato. Conversei com a minha mãe e irmãos e eles compreenderam”, conta.

Para Clelma, a forma como a família é tratada no hospital e abordada para tratar do tema também influencia na decisão. “A equipe precisa ter sensibilidade nessa hora, mesmo com toda a burocracia que existe. A doação pode não só mudar a vida de uma pessoa, em alguns casos é a última esperança do paciente”, frisa.

Belina cita, ainda, outra questão que precisa ser trabalhada para aumentar o índice de doações: a aderência dos profissionais da área médica. “É preciso conscientizar para que eles notifiquem a morte encefálica, pois sem isso não há captação. Esses casos exi-

gem todo um protocolo em que o paciente é mantido vivo por aparelhos por várias horas para garantir a integridade dos órgãos”, pontua.

Ela considera o povo paraense bastante solidário, mas acredita que o assunto precisa ser mais debatido para que se torne algo mais natural entre as famílias. Segundo Belina, todo hospital acima de 80 leitos precisa ter uma Comissão Intra-Hospitalar de Doação de Órgãos e Tecidos (CIHDOT), mas nem todos têm ou estão ativos. “É fundamental que haja mais investimentos para expandir essa rede de transplantes. Avançamos pouco nos últimos 15 anos, o Hospital Ophir Loyola poderia atender bem melhor essa demanda. Infelizmente, esbarramos em problemas de gestão na saúde pública. O transplante precisa ser uma política de estado”, defende.

Falta de compatibilidade dificulta espera por transplante de rim

Parcerias ajudaram a divulgar a prática solidária entre a população

A diretora da Associação de Renais Crônicos e Transplantados do Pará (ARCT-PA), Belina Soares, informa que o Pará possui em torno de 3.100 pacientes em hemodiálise. Desses, 40% podem estar aptos a receber um transplante, mas só 439 estão inscritos na fila e somente 80 ativos, ou seja, estão com todos os exames prontos e aptos a receberem um rim. “Transplante não necessariamente significa a cura, mas é qualidade de vida. Qualquer um pode vir a precisar de transplante, temos um cenário

de doenças crônicas que se agrava no país”, acrescenta.

O “Setembro Verde” é promovido anualmente em todo o país e a Associação participou de várias ações, tais como o I Simpósio da Doação de Órgãos na Universidade da Amazônia (Unama) e blitz em vários pontos da cidade, em parceria com a Sespa. “As empresas podem levar o tema para seus funcionários através de palestras, podem procurar tanto a Associação quanto a Sespa para mais informações”, orienta. A



Campanha Setembro Verde (acima) incentivou doações. Belina Soares (ao lado) é da Associação de Renais Crônicos e Transplantados do Pará.



coordenadora da Coordenação Estadual de Notificação, Captação e Distribuição de Órgãos (CNCDO) da Secretaria de Estado de Saúde Pública (Sespa), Ana Beltrão, destacou a participação da sociedade civil e de empresas na campanha desse ano.

“Essa edição foi um pouco diferenciada porque tivemos a parceria de várias entidades interessadas no tema, como a ARCT e a Associação dos Centros de Nefrologia do Estado do Pará (Pará Nefro), além de outras empresas. Foi bem agitado e proveitoso. Tivemos passeio ciclístico, ações em shoppings, panfletagem no estádio. Queremos que a doação de órgãos seja algo encarado com mais naturalidade e conversado entre as famílias”, salienta. De acordo com ela, o Pará está no processo de credenciamento para transplantes de fígado e coração.

Sobre o tempo de espera no Estado, Ana responde que os pacientes demoram entre dois anos e dois anos e meio por uma córnea. “O ideal seria de três a quatro meses, o que chamamos de fila zero. Já o rim depende muito da compatibilidade”, diz. Ela destacou o trabalho de sensibilização e capacitação realizado no Pronto Socorro Municipal (PSM) Mário Pinotti, onde a CIHDOT foi reativada e foi registrado um aumento no registro de doadores. A iniciativa será levada para o PSM do Guamá.

No Pará, os transplantes são feitos nos hospitais Ophir Loyola (córnea e rim), Saúde da Mulher (somente rim, porém já credenciado para medula óssea em convênios e particula-

res), Bettina Ferro (córnea pelo SUS), Clínica Cinthia Charone (córnea privado e SUS), além de algumas clínicas privadas credenciadas para transplante de córnea. Em Santarém, por meio do SUS e da rede privada, realiza-se a captação de córneas para transplantes. Também está credenciado o transplante renal no Hospital Regional do Baixo Amazonas (HRBA), processo que se encontra em fase de finalização.

A captação ocorre principalmente em Belém e Santarém, em locais onde é possível fazer os procedimentos legais necessários, principalmente no Hospital Metropolitano de Urgência e Emergência (90% dos casos). Todo o processo de registros e informações das doações e transplantes é coordenado pela CNCDO e ocorre on-line com o Sistema Nacional de Transplantes do Ministério da Saúde.



Ana Beltrão é da Coordenação Estadual da Sespa

Angústia da espera por um transplante é retratada em novas ações

Serviço

→ A Central de Transplantes atende pelos telefones 98115-2941 e 3223-8168, como também pelo e-mail cncco.transplantes@gmail.com. A Associação de Renais Crônicos e Trans-

plantados do Pará (ARCT-PA) fica na Travessa Campos Sales, nº 63, edifício Comendador Pinho, sala 201. O contato pode ser feito pelo telefone 3212-5282 ou pelo e-mail arctpa@arctpa.org.br.

“Vozes da Espera” é o nome da campanha lançada pela Associação Brasileira de Transplante de Órgãos (ABTO), em parceria com o Grupo RÁI, um dos maiores grupos independentes de comunicação do Brasil. A ação ressalta a angústia que é aguardar o novo órgão para o transplante. As mensagens de espera telefônica de grandes empresas do país foram substituídas por histórias contadas por pacientes, na voz deles mesmos, tranquilizando o ouvinte. Afinal, se de um lado da linha a espera será breve, a destas pessoas pode durar anos.

Dados da ABTO mostram que 33 mil brasileiros esperam por um órgão e embora o país tenha o maior sistema público de transplantes do mundo, com mais de 20 mil cirurgias realizadas anualmente, ainda está abaixo da meta de 16 doadores por milhão, segundo levantamento do Sistema Nacional de Transplantes do Ministério da Saúde. “Neste ano, mais de 40% das famílias não consentiram com a doação dos órgãos de seus familiares com morte encefálica. Isso significa que mais de três mil transplantes não foram feitos no país”, alerta o presidente da ABTO, Roberto Manfro.

Com criação de Ben Araújo e Vinicius Bertolini, da RÁI, a campanha disponibiliza em seu hotsite: www.vozesdaespera.com.br, os vídeos completos das histórias dos pacientes, onde é possível assisti-los e compartilhá-los, bem como esclarecer dúvidas frequentes sobre a doação de órgãos, declarar-se um doador e até disseminar a própria atitude. O site também permite que empresas que tenham o interesse em implementar as vozes dos pacientes em seus sistemas de atendimento façam o download dos arquivos ali mesmo.